

Título: Emoção e vida em “Último Trem”

Data da publicação: 14 de Abril de 1980. Belo Horizonte

Veículo: Jornal Diário da Tarde, Ano 50; Nº 16.865 – 2º Caderno; Pág. 17

Emoção e vida em “Último Trem”



Cristina Purri
e Hugo Travers
numa cena de “Último Trem”

O trem apita na curva. É o aperto no coração da gente que espera a máquina de rodar. Iá longe, as rodas avançam sobre os trilhos, dando um frenesi de alegria. Alguém vem chegando com o trem. Alguém vai sair por esse mundo afora, meu querido. Muita gente ali na gare também. Quantos tempo não tem que passado. Quem não se vê? Que saudade daqueles que mora no Rio de Janeiro e que ficou muitos anos que não é abraçada pelos sobrinhos? Que desejo louco de saber como é a prima que não conhece mais isso. O poder da comunicação, da interação, a mágica de nos trazer de volta, é tanto querido, às vezes, tão distante e tão desconhecido! Trem é isso: é a saudade, é a gente não quer que vá. A lágrima que escorre pelo rosto, assim que o terceiro sinal da locomotiva nos revela que está na hora do trem ir andando, quando quem a gente não quer que vá, é quem é tão gostoso viver um bota-fora, um bota-fora. Por que partir, as mãos acenando para o trem partir, as mãos acenando para o trem não poder, onde a vista não consegue mais.

Todo mundo sente uma fascinação, um sentimento de beleza, de poesia, humanidade, com um trem de ferro. Que trem de ferro foi feito para carregar a vida do homem. A emoção, o sentimento, a vida estão num trem de ferro. Por que viajar de trem é mais romântico, mais gostoso,

Tudo isso está sendo contado, contado, no balé “Último Trem” com a música lindíssima de Milton, os versos cantados do Brant, a coreografia geral de Araiz e os pés dançarinos magníficos de O Corpo, no Palácio das Artes, até o dia 30 de abril. Estamos no relojoar nacional porque daqui eles vão tirar. Vão desaparecer na curva do trem de ferro que ficou na saudade dos mineiros, principalmente de Belo Horizonte. Eles vão partir para sempre esta nova montagem por esse lado afora.

Eles estavam chegando para mais um aperitivo para a espetáculo “Último Trem” no terceiro dia do prédio do Palácio das Artes. Rodrigo e a Miriam (que são a Cristina, o Hugo, e a Isabel nessa professorado Grupo O Corpo) que conversou rapidamente e soube porque tinha um compromisso. Chegaram Macau (que é a Carolina), outra Cristina, que é irmã seu, tem 19 anos e é a mais nova da turma de Belo Horizonte. Dele, o Roberto que é namorado daquele que também está dançando com a turma. A primeira Cristina está que eles fazem aula de 12h, e depois de um inter-

valo de somente uma hora, começam a ensaiar e vão até as 20 ou 21h. Assim, todos os dias. Já começaram a ensaiar no palco. A Cristina, a mais nova da turma diz que vai ser bailarina para o resto da vida. Casar? Ter filhos? Isso fica para segundo plano.

A Macau repassava alguns trechos do balé com o Hugo e o Rodrigo enquanto Oscar Araiz não chegava. Ele havia marcado uma entrevista com a gente e não aparecia. Depois soubermos que tinha havido um desencontro. Ele nos esperando no Estúdio, lá nas Mangabeiras e nós ali, no local dos ensaios.

Oscar Araiz, em pessoa. Difícil dizer como é a transmissão de ser humano deste argentino que se incorporou totalmente ao sentimento de todos ali presentes. Sua simpatia irradiante tem muito a ver com sua habilidade profissional e cativante simpatia. E preciso reconhecer que todo aquele de mente e abertura maiores diante do contexto humano é grande em todos os sentidos. Foi uma sorte ele nos conceder uma entrevista. A gente estava querendo conversar com ele, detetar, sentir como criara e sentira esta nova montagem, que sucede a “Maria, Maria” que falou bonito do Brasil lá fora e foi durante quatro anos, uma das colunas mais lindas já mostradas neste país em matéria de arte e criação.

Falando rapidamente e espontaneamente baixo, com sotaque e espontaneamente elegante e com leveira emoção na voz, Araiz revela-nos que gosta de trabalhar no Brasil, fez amigos com O Corpo, amigos, desses, para sempre. De nunca mais esquecer. Que não acredita em trabalho estritamente profissional despojado do relacionamento humano: — “Acredito numa relação entre os seres humanos muito intensa para provocar uma “chispa”, ah, em português é chama? Sinto a grande potencialidade emotiva do povo brasileiro. Entro nesse jogo de emoção e meu trabalho fica mais fácil. Formamos uma equipe de vontade comum de trabalho e construção de força, energia, no mesmo nível de emoção. Para mim que tenho uma vocação de harmonizar as energias é um trabalho um tanto científico. E nesse trabalho científico de harmonização há uma matéria muito delicada em imaginação, poesia e tudo isso encontro no Grupo O Corpo. Nesta segunda vez em que trabalhamos juntos evoluiu muito em profissionalismo, exigências técnicas.

Araiz fala agora de sua criação específica de “Último Trem”: “O primeiro contato foi a idéia do Fernando Brant. A partir do desaparecimento de uma estrada de ferro, o que tem a ver com todos nós, pelas consequências que isso provoca: a falta de comunicação, falta de trabalho, falta de informação, cultura, alimento.

Surgiu essa idéia e confesso, acho muito difícil de ser executada no pal-

co, com bailarinos. Falei para o Fernando que ela se associava mais a um filme. E peguei essa linha e continuei com ela. O roteiro, a música, as idéias visuais continuaram numa linha teatral-cinematográfica onde o gesto e o movimento seriam a principal linguagem. Persisti nesta linha até agora e acho que está certa. Tudo na base da emoção. “Último Trem” não é um espetáculo de dança, de combinações de passos. Os movimentos são sempre resultado e consequência do conflito entre a sociedade e a natureza. Um espetáculo que joga com as emoções naturais. É uma tomada de consciência através da emoção. Pra mim, arte é achar uma linguagem para que todo mundo possa perceber. Uma linguagem que está no limite dos sonhos, desejos, subtrações, reflexões. Não um espetáculo para pensar, mas para despertar mais, para acordar. E como todo espetáculo teatral tem que ser sempre uma obra de arte inacabada, para que o espectador dê o acabamento final a esse trabalho, “Último Trem” é assim.

E uma participação. É difícil dizer como vou criando. Tem partes do balé que vou materializando imagens, visões que estão dentro das pessoas, não se sabe por quanto tempo. Ao estúdio da música, das idéias, dos bailarinos, intérpretes, cenógrafos, a obra vai nascendo. E então acontece o fenômeno também. Ao nascer a hora, estas pessoas com quem você trabalha não ficam mais dependentes de você. Não são mais suas. Individualizam-se. A peça adquire uma personalidade própria. Como oascimento de um ser humano. Às vezes, durante os ensaios surgem outras posições, outras propostas que a gente não imaginava. Vamos criando, a cada momento. É o processo natural da vida. “Último Trem” tem muita coisa de “Maria, Maria”, em certo aspecto é uma continuação de “Maria, Maria”. Só que a energia ficou mais clara. As exigências foram maiores. Exigências técnicas, disciplinares, inclusive e principalmente a emotiva. A entrega foi muito maior. Não somente por parte dos bailarinos. De toda a equipe que trabalha nessa montagem. Tivemos muito trabalho de pesquisa, de procurar um relacionamento mais autêntico.

Até os objetos em cena têm história. As malas, por exemplo, que aparecem no palco são gastas, usadas, não são pré-fabricadas para o espetáculo”.

Oscar Araiz vai morar na Suíça onde tem uma companhia de dança com elementos de várias partes do mundo que ele mesmo escolheu criteriosamente. E, por isso, está dando adeus ao O Corpo.

Ao se despedir, com seu sorriso fácil e como de uma criança: — “Não é um adeus definitivo. O Corpo já virou família minha”.